

DIALEÉTICA DA LIBERTAÇÃO

Organizado por

DAVID COOPER

Colaboradores:

Gregory BATESON

Stokely CARMICHAEL

David COOPER

John GERASSI

Lucien GOLDMAN

Paul GOODMAN

Jules HENRY

R. D. LAING

Herbert MARCUSE

Gajo PETROVIC

Ross SPECK

Paul SWEEZY

ZAHAR



EDITORES

O ÓBVIO

R. D. LAING

“... recente estudo do ponto de vista do público norte-americano sôbre a política dos Estados Unidos com relação à China (preparado para o Conselho de Relações Exteriores pelo Survey Research Center na Universidade de Michigan) relata que um em cada quatro norte-americanos ainda não sabe que o povo chinês tem um Govêrno comunista”.¹

Não me surpreenderia se mais da metade daqueles de nós que sabem que o povo da China tem um Govêrno comunista *não* sabe que um quarto da população *não* sabe, se tivermos de acreditar nesse relatório.

Quero chamar a atenção para algumas das características das sociedades norte-americana e europêia que parecem ser mais perigosas porque dão a impressão de ajudar, ou talvez sejam mesmo necessárias, a manter e a perpetuar nosso componente de um sistema social mundial que, no todo, apresenta, cada vez mais, a aparência de irracionalidade total.

Grande parte do que se segue é um ensaio para expor o que considero óbvio. É evidente que a situação social do mundo está ameaçando o futuro de tôda a vida neste planêta. Expor o óbvio é partilhar com vocês o que (no ponto de vista de vocês) poderiam ser minhas falsas interpretações. O óbvio pode ser perigoso; o homem iludido freqüentemente considera tão evidentes as suas ilusões que mal pode dar crédito à boa-fé dos que não partilham delas. Hitler considerava perfeitamente óbvio que os judeus eram um veneno para

a raça ariana e, por conseguinte, era necessário o seu extermínio. O que é evidente para Lyndon Johnson simplesmente não o é para Ho Chi Minh; o que para mim é evidente talvez não o seja para ninguém mais. Literalmente, o óbvio é aquilo que está no caminho de uma pessoa, na frente ou em contraste com ela própria, sendo preciso começar reconhecendo que êle existe para a própria pessoa.

Esta palestra também é uma tentativa para expor ao exame de vocês algumas facêtas do meu atual esforço para diagnosticar, ver dentro e através da realidade social. Estou, no máximo, tomando a liberdade de articular o que me parece ser o caso, em certos aspectos muito limitados, com respeito ao que está acontecendo no setor humano do planêta. Terei de lidar, na maior parte, com generalidades, e não tenho certeza se estas não serão chavões para muitos de vocês. A revelação de um homem pode ser o lugar-comum de outro.

A invisibilidade dos acontecimentos sociais

O estudo dos acontecimentos sociais apresenta uma dificuldade quase insuperável, pelo fato da sua visibilidade, como se poderia dizer, ser muito baixa. No espaço social, a capacidade direta e imediata de uma pessoa ver o que está acontecendo não vai além dos seus próprios sentidos. Ultrapassado êsse ponto, a pessoa tem de tirar conclusões baseadas em testemunho auricular, relatórios de um ou outro tipo sôbre o que os sêres humanos são capazes de ver dentro do *seu* campo de observação igualmente limitado. Como acontece no espaço, o mesmo se dá no *tempo*. Nossa capacidade de sondar a história é extraordinariamente limitada; mesmo nas investigações mais minuciosas de pequenos fragmentos de micro-história, em estudos de famílias, encontra-se dificuldade em ultrapassar duas ou três gerações, além das quais a maneira como as coisas vieram a ser o que são se perde na névoa.

Elas freqüentemente saem do campo de visão no espaço e no tempo numa fronteira entre o aqui e agora e o lá e então — uma fronteira que, infelizmente, entrega o aqui e agora à ininteligibilidade sem a informação do lá e então, que, todavia, está fora do nosso alcance.

Contexto dos acontecimentos sociais

Uma lição fundamental que quase todos os estudiosos das Ciências Sociais aprenderam é que a inteligibilidade dos acontecimentos sociais exige que eles sempre sejam vistos num contexto que se estende espacial e temporalmente. O dilema é que isso muitas vezes é tão impossível quanto necessário. A estrutura da sociabilidade é um conjunto entrelaçado de contextos, de subsistemas entrelaçados com outros subsistemas, de contextos entrelaçados com metacontextos, e assim por diante, até que atinge um limite teórico, um contexto de todos os contextos sociais possíveis, abrangendo, juntamente com todos os contextos subordinados dentro d'ele, o que se poderia chamar de *total sistema social do mundo*, além do qual, como não existe nenhum contexto social maior que possamos definir, não há outro contexto social ao qual se possa atribuir a inteligibilidade do total sistema social do mundo.

À medida que partimos de microsituações e desenvolvemos para macrossituações, verificamos que a aparente irracionalidade do comportamento numa pequena escala assume certa forma de inteligibilidade quando vista num contexto. Movemo-nos, por exemplo, da irracionalidade aparente de um único indivíduo "psicótico" para a inteligibilidade dessa irracionalidade dentro do contexto da família. Por sua vez, a irracionalidade da família deve ser situada dentro do contexto das suas rês circundantes, as quais devem ser vistas dentro do contexto de organizações e instituições ainda maiores. Esses contextos mais amplos não existem lá fora, em determinada periferia do espaço social: eles penetram os interstícios de tudo o que abrangem.

O paradoxo da irracionalidade do todo

É aterrador o fato de que, tendo subido através da irracionalidade/racionalidade, irracionalidade/racionalidade de conjuntos de subsistemas até que tenhamos atingido o contexto social total, nos parece vislumbrar dali o que aparenta estar perigosamente fora do controle dos subsistemas ou sub-

contextos que eles abrangem. Ali enfrentamos um dilema teórico, lógico e prático, a saber, afigura-se-nos têmos chegado a um limite empírico que, em si, parece ser desprovido de inteligibilidade e, além desse contexto limitado, ignoramos que outro contexto possa existir que nos possa ajudar a situar o total sistema social do mundo num padrão ou modelo maior no qual ele encontre sua racionalidade. Alguns pensam que talvez seja possível realizar isso dentro de um modelo cósmico. Por outro lado, mais de uma pessoa já disse — e normalmente tem sido considerada louca por dizê-lo — que talvez Deus não esteja morto: talvez Deus esteja, Ele próprio, louco.

Mediações

Temos um problema teórico e prático de encontrar as mediações entre os diferentes níveis de contextos: entre os diferentes sistemas e metassistemas, estendendo-se desde os menores sistemas microssociais aos maiores sistemas macrosociais. Os sistemas intermediários situados dentro desse limite têm de ser estudados não só em si mesmos, mas também como um meio condicionador e condicionado entre as partes individuais do todo.*

Em nossa sociedade, em determinadas épocas, esse conjunto entrelaçado de sistemas pode prestar-se à mudança revolucionária, não nos pontos micro ou macro extremos, isto é, não na pirueta individual do arrependimento solitário por um lado ou pela captura da máquina do Estado por outro; mas pelas mudanças súbitas, estruturais, radicais e qualitativas nos níveis intermediários do sistema: mudanças numa fábrica, hospital, escola, universidade, um grupo de escolas ou em toda uma área da indústria, medicina, educação etc.

O exemplo da Psiquiatria

Principiei tentando ver através da densa opacidade dos acontecimentos sociais, estudando certas pessoas tachadas de

* Exemplo de um estudo desse tipo encontra-se, mais adiante, em Jules Henry, págs. 69-89.

psicóticas ou neuróticas, como as que vemos nos hospitais de alienados, unidades psiquiátricas e clínicas de pacientes não-hospitalizados. Comecei a ver que estava envolvido no estudo de *situações* e não apenas de indivíduos. Afigurava-me (e êste ainda parece ser o caso) que o estudo de tais situações era interrompido de três modos principais. Em primeiro lugar, o comportamento dessa gente era considerado como sinais de um processo patológico em andamento *dentro* delas e apenas secundariamente a tudo o mais. Todo o assunto estava encerrado numa metáfora médica, a qual, em segundo lugar, condicionava a conduta de todos os que estavam encerrado nela, médicos e pacientes. Em terceiro, através dessa metáfora, a pessoa que era o paciente no sistema, estando isolada dêste, não mais podia ser encarada como uma *pessoa*: como corolário, também era difícil para o médico se comportar como uma pessoa. Uma pessoa não existe sem um contexto social; não se pode tirar uma pessoa do seu contexto social e ainda considerá-la como pessoa, ou *agir* em relação a ela como tal. Se não *agimos* para com outrem como pessoa, despersonalizamo-nos a *nós mesmos*.

Alguém está murmurando de joelhos, falando com alguém que não está ali. Sim, a pessoa está rezando. Se não lhe concedermos a inteligibilidade social dêsse comportamento, ela só *pode* ser encarada como louca. Fora do contexto social, seu comportamento só pode ser o resultado de um incompreensivo processo "psicológico" e/ou "físico" para o qual ela requer tratamento. Essa metáfora sanciona uma ignorância maciça do contexto social dentro do qual a pessoa estava interagindo e também torna qualquer reciprocidade genuína entre o processo de rotulagem (a prática da Psiquiatria) e o de ser rotulado (o papel de paciente) tão impossível de conceber como o é de observar. Alguém cuja mente esteja aprisionada na metáfora não pode vê-la como tal. É apenas *óbvio*. Como, dirá êle, o diagnosticar-se alguém como doente, e que obviamente está doente, pode torná-lo doente? Ou, quanto a isso, torná-lo melhor? Alguns de nós começamos a compreender que êsse aspecto da teoria e prática da Psiquiatria era um ensaio de raciocínio e prática não-dialéticos. Todavia, uma vez fora da camisa-de-fôrça dessa metáfora, era possível ver a função dêsse exercício antidia-

lético. A inteligibilidade da experiência e comportamento da pessoa diagnosticada é criada pela pessoa que diagnostica e também pela diagnosticada. Esse estratagema parece servir funções específicas dentro da estrutura do sistema no qual ocorre.

Para trabalhar livremente, é necessário que os usuários desse estratagema não saibam, eles próprios, que se trata de um estratagema. Eles não deveriam ser cínicos ou implacáveis: deveriam ser sinceros e interessados. Aliás, quanto mais o "tratamento" é escalado — através de negociações (psicoterapia), pacificação (tranqüilização), luta física (*cold-packs* e camisas-de-fôrça), através de, a um só tempo, formas cada vez mais *humanas* e *eficazes* de destruição (choques elétricos e comas de insulina), até a solução final do corte do cérebro de uma pessoa em dois ou mais pedaços pela psicocirurgia — mais os seres humanos que fazem essas coisas em outras pessoas tendem a sentir sincero interesse, dedicação e piedade; e praticamente não podem evitar sentirem-se cada vez mais indignados, tristes, horrorizados e escandalizados com aqueles que, dentre os seus colegas, estão horrorizados e escandalizados com seus atos. Quanto aos pacientes, quanto mais protestam, tanto menos discernimento mostram; quanto mais revidam, evidentemente tanto mais precisam ser acalmados; quanto mais perseguidos se sentem ao serem destruídos, tanto mais necessário é destruí-los. E, no fim disso tudo, eles podem realmente ser "curados", podem até mesmo expressar gratidão por não mais lhes restar cérebro para protestar contra a perseguição. Muitos, porém, não o fazem. Isso apenas mostra, como me disse um famoso psiquiatra: "É o fardo do homem branco, Ronald. Não podemos esperar agradecimentos, mas devemos prosseguir."

Centenas de milhares de pessoas estão envolvidas (para os que desconhecem as estatísticas, o índice dos que esperam ingresso num hospital de alienados no Reino Unido é dez vezes superior ao dos que esperam conseguir um lugar numa universidade) nessa espantosa operação política. Muitos pacientes, em sua inocência, afluem, em busca de ajuda, aos psiquiatras que pensam, honestamente, lhes estar dando o que eles pedem: alívio do sofrimento. Este é apenas um exemplo da irracionalidade absoluta de grande parte do nosso cenário social. Alcança-se o *exato* oposto do que se pretende.

Médicos em tôdas as épocas têm feito fortunas matando seus pacientes através das suas curas. A diferença na Psiquiatria é que esta é a morte da alma.

Os que julgam ter levado isso a cabo, o encaram, até certo ponto, como um sistema de violência e contraviolência. Pessoas chamadas cirurgiões do cérebro têm enfiado facas nos cérebros de centenas e milhares de pessoas nos últimos vinte anos: pessoas que jamais usaram uma faca contra alguém; elas podem ter quebrado algumas vidraças, podem às vezes ter gritado, mas mataram menos gente do que o resto da população, muito menos, se contarmos os extermínios em massa das guerras, declaradas ou não, travadas pelos membros legalmente "sãos" da nossa sociedade.

Tal violência institucionalizada e organizada parece ser chamada a agir em determinados momentos numa luta micropolítica pelo poder, muitas vezes, mas não necessariamente, envolvendo uma família, sempre envolvendo uma rêde mais ou menos ampliada de pessoas. A aparente irracionalidade e a violência às vezes aparentemente insensata de uma pessoa neste grupo — não necessariamente o paciente — encontram sua inteligibilidade no contexto social. Essa violência aparentemente insensata é um momento num conjunto de violência e contraviolência recíprocas em andamento. Todavia, a pior de tôdas as violências é a negação recíproca da reciprocidade, a criação de um frígido impasse não-dialético, tanto pelo paciente, que se recusa a comunicar, como pelo psiquiatra, que rotula duplamente essa *recusa de incapacidade*.

Para encurtar o caso: a princípio, o contexto do indivíduo aparece como sua rêde imediata, e os contextos desta surgem como estruturas sociais maiores que não têm sido, de maneira alguma, adequadamente identificadas. Todavia, podemos teòricamente ir além do ponto alcançado pela nossa pesquisa empírica, na esperança de que nosso alcance teórico nos possa ajudar a ampliar nossa compreensão prática. Assim, podemos postular o infinito de um contexto após outro até atingir um total sistema do mundo que abrange a hierarquia de contextos, metacontextos, metametacontextos: padrões entreligados de contròle, freqüentemente violento, nenhuma parte do qual é compreendida se extrapolada do todo a que pertence. Não obstante, alguns componentes dês-

te parecem ser mais irremediavelmente irracionais* do que outros.

Às vezes penso que o perigo dos conjuntos entreligados de sistemas psiquiátricos em nossa sociedade (para sua *homeostasis*, equilíbrio, estado constante) não está onde a maioria das pessoas no sistema julga que ele se encontra. No campo da saúde mental, há alguma ansiedade, por temor de que nos falem hospitais de alienados, pesquisadores, enfermeiras etc. suficientes para fazer face ao aumento continuado na incidência das chamadas doenças mentais. Pode ser que o problema não seja o da existência de muitos *poucos* psiquiatras para um excesso de pacientes, mas o de que haverá *muito poucos pacientes* nos próximos dez ou vinte anos.

Pode ser que o que o nosso sistema precisa seja de um número suficiente de pessoas para serem escolhidas como pacientes e tratadas como tal. Para cada rede de aproximadamente 20 ou 30 pessoas, talvez seja necessário algum tipo de condutor humano de raios para o qual as "más vibrações" dos vivos esquecidos possam ser canalizadas — uma espécie de aparelho terra humano. Na zona intermediária, damos a impressão de lidar com nossa violência através desse tipo de focalização eletiva (sendo o bode expiatório apenas um exemplo óbvio). Isso não é apenas em termos de Psiquiatria; pensemos como as redes dirigem seletivamente as pessoas para o canal criminoso. Nos níveis intermediários entre o macro e o micro, vemos continuamente como uma dentre tantas pessoas é escolhida como aquêle ou aquela que julgamos sintetizar uma violência que justifica a violência originária em NÓS. A mim me parece plausível que isso representa um estratagemma desesperado para manter o sistema em funcionamento. Se isso lhes parece algo louco, vocês não estarão de todo errados, pois êste é o tipo de teoria que os pacientes psiquiátricos muitas vezes trazem à baila, e que são tachados de psicóticos em parte *porque* expõem êsse tipo de teoria.

* Uma ação pode ser considerada irracional se fôr ostensivamente um meio para uma finalidade, de tal modo que êsse meio conduza a um fim que pretende evitar. Tentamos evitar um resultado por certos meios os quais são irracionais quando ocasionam a finalidade que pretendem evitar — descoberta comum, na Psicanálise, da defesa "neurótica" contra a ansiedade. As defesas criam ansiedades contra as quais aquelas são defesas. Ponho entre parênteses a questão da racionalidade do fim.

Até aqui, fiz um esboço de alguns modos como a violência pode ser *focalizada* em pessoas isoladas. Vejamos agora o outro extremo da escala, a extremidade macro da zona intermediária, onde a violência é projetada de um modo anti-tético, não sobre qualquer indivíduo *dentro* do sistema, mas sobre alguma indefinida massa situada *fora* do subsistema — ÊLES. Aqui estamos interessados pelas ações maciças dos maiores grupos de pessoas no mundo. Permitam-me considerar, por instantes, algumas facetas da macrossituação. Uma vez mais exporei somente o que me parece óbvio, pelas mesmas razões que já apresentei antes: a de que êle talvez não seja óbvio a outrem e que lhes dará a oportunidade de decidir sobre o quanto estou mal orientado ou sou ingênuo.

Olhando-se todo o cenário mundial, parece que, cortando transversalmente as existentes divisões e lutas humanas em termos de raça, nacionalidade ou blocos geopolíticos, uma nova polarização transmundial entre ricos e pobres está ocorrendo rapidamente. A maioria dos pobres é de camponeses; sua miséria secular parece estar mais no processo de ser aprofundada pela minoria rica do que o contrário. Parece-me que um número cada vez maior de pobres está começando a ficar inquieto e a não mais resignar-se com êsse estado de coisas. Lutas armadas são comuns na Ásia, América Latina e África e, tanto quanto sei, os pobres não se inclinam a buscar auxílio nos Estados Unidos ou Europa ocidental, embora seus Governos (que pertencem aos ricos) possam fazê-lo. Os pobres não são requintados em questões de Economia ocidental. Acertada ou erradamente, formei a impressão de que muitos dêles começam a julgar que os Estados Unidos e a Europa ocidental os estão explorando há muito tempo demais. Acertadamente ou não, êles se voltam para a Rússia e, cada vez mais, para a China bem como para si próprios em busca de ajuda. Examinando essa situação numa escala mundial, parece-me que uma Guerra Mundial (sendo as Primeira e Segunda Guerras Mundiais o pródromo do verdadeiro envolvimento global) está em franco andamento. A revolução mundial sugerida por Arnold Toynbee começou, mas ainda não está claro quem eventualmente combaterá quem. Daqui há dez anos, Estados Unidos e China poderão ser aliados contra a África. Provisoriamente, por enquanto, parece que *nossa* fatia do bôlo mundial (como praticamente todos nós que aqui

estamos somos da Europa ocidental e dos Estados Unidos) tem uma certa homogeneidade, a despeito da heterogeneidade de entrelaçamento muito intrincado dos seus múltiplos subsistemas e apesar da sua pluralidade de contradições, muitas das quais são mais aparentes do que reais. Elas se originam da nossa crença em nossas próprias mentiras e mistificações. Muitas pessoas são torturadas pelas contradições existentes somente entre fatos e propagandas e não nos próprios fatos. Por exemplo, não abolimos a pobreza dentro do nosso território; os Estados Unidos não são uma democracia. Uma vez que não consideramos os Estados Unidos uma democracia, então grande número de problemas não tem de ser resolvido porque não existe. Muita gente no Reino Unido ainda crê que ele seja um dos países do mundo que mais ama a paz. Acredito que, nos últimos 300 anos, ele travou mais guerras do que qualquer outra nação da Terra.

Não vou enumerar as mistificações às quais acredito estarmos submetidos; admitirei a maioria delas. Não vejo problema no fato de que um número cada vez maior de pessoas na África, Ásia, América Latina — os habitantes locais (por nós chamados terroristas) — estão combatendo os invasores brancos dos seus países. Essa violência não é problemática. Onde está o problema? Todavia, o que me deixa um tanto perplexo é que os porta-vozes dos Estados Unidos e deste país (Inglaterra) às vezes parecem pensar que a violência dos habitantes da América Latina, Ásia e África só pode ser explicada como o resultado de uma trama comunista para derrubar os Estados Unidos e a Europa.

Vamos supor que os chineses tivessem 600.000 homens no México meridional empenhados no extermínio dos habitantes locais, na devastação da ecologia e lançando mais bombas no México setentrional do que foram despejadas sobre a Alemanha inteira durante toda a Segunda Guerra Mundial. Vamos supor que os chineses tivessem cercado os Estados Unidos com bases de mísseis no Canadá, Cuba e nas ilhas do Pacífico; que suas frotas patrulhassem os mares e que seus submarinos atômicos parecessem ter o dom da ubiqüidade, e que tudo isso fôsse desenvolvido, segundo os chineses, com o único propósito de reprimir uma ameaça do povo dos Estados Unidos ao povo chinês. E vamos supor que os chineses deixassem bastante claro que consideravam os Estados Uni-

dos como a maior ameaça à paz mundial e que, se os Estados Unidos mandassem mais tropas para o México setentrional, eles lhes dariam tudo o que têm e os esmagariam, devolvendo-os à Idade da Pedra.² Então, eu não teria dificuldade em compreender as ansiedades do povo dos Estados Unidos e dos seus dirigentes sôbre tal política de "contenção", estivessem eles cientes ou não de que o povo da China tem um Governo comunista.

Mas não é isso o que temos de compreender. Podemos exercitar-nos mais proveitosamente tentando compreender como as declarações dos dirigentes dos Estados Unidos muitas vêzes parecem atribuir aos chineses exatamente a política que eles próprios afiguram estar adotando com relação aos chineses.

No Vietname, vários milhões de homens, mulheres e crianças, na maioria camponeses, estão expostos à morte e mutilação indiscriminadas. Quando lutam, estão combatendo em sua própria terra e em defesa dela. No outro lado, milhares de milhas distantes dos seus lares, estão mercenários, bem pagos, bem alimentados, friamente treinados na tecnologia do assassinio. Existem pessoas lutando para destruir tôdas as formas de vida num setor da superfície da Terra porque em algum lugar daquele espaço pode haver alguns seres humanos que têm dentro dêles a ideologia "errada".³

Não precisamos indagar por que um número cada vez maior de habitantes do mundo odeia a nós, europeus, e os Estados Unidos. Não temos de entrar em extraordinárias explicações psicológicas sôbre por que eu odiaria alguém que lançou *napalm* sôbre meus filhos. É tão simples quanto preto e branco.

Consideremos novamente o Vietname. Não é de todo óbvio o que está acontecendo; nenhuma explicação puramente econômica parece adequada; talvez seja o imperialismo enlouquecido (Cooper).^{*} U Thant alvitrou que se trata de uma espécie de Guerra Santa. Os teóricos do Pentágono dizem que é uma operação global para conter o avanço do imperialismo comunista. Pode ser muito mais primitivo. O Presidente Johnson diz aos comandantes de combate no Rancho dos Oficiais na Baía Qumran: "Volte com aquela pele de guaxi-

* Ver adiante, págs. 202-210.

nim na parede." ⁴ Ouvem-se declarações extraordinárias dos políticos norte-americanos, como "Fazer a China Vermelha ajoelhar-se". O que temos aqui é o mais primitivo "pensamento" analógico, atrás do qual se estende um sertão de fantasia que mal nos atrevemos a contemplar.

Muita gente sente-se envergonhada e enojada pelo Vietname. Não obstante, alguns de nós temos de compreender as totais inferências do fato de que muitas pessoas atingiram o estado em que se sentem envergonhadas se recusadas pelo recrutamento militar; de que muitas pessoas sentem-se envergonhadas e culpadas se *não* fabricarem, entregarem ou lançarem *napalm* etc.

Todo êsse sistema, e a ansiedade e ativa perpetuação humana dêle, quase ultrapassa a compreensão porque desafia a imaginação se não se faz parte dêle, e seu horror é tão forte a ponto de ser quase insuportável se se faz parte dêle.

Ignorância múltipla

Ademais, o próprio sistema cria ignorância de si mesmo e ignorância dessa ignorância. Eu calcularia que pelo *menos* três em quatro dos três quartos dos norte-americanos que, conforme nos asseguram, estão cientes de que o povo chinês tem um Governo comunista não acreditariam nessa cifra. Vamos supor que um em quatro não saiba — e que não saiba que eles não sabem. Vamos supor que três em quatro dos restantes não saibam que um em quatro não sabe que ignora. A quantos homens de são juízo nos podemos dirigir?

Mas isso é apenas o começo. Três em quatro *sabem* que o povo da China tem um Governo comunista — e, por Deus, é bom que façamos algo antes que seja tarde demais: vamos contê-lo, se não destruí-lo, antes que Ele Nos destrua. Eu calcularia que pelo menos três quartos dos três quartos que "sabem" que o povo da China tem um Governo comunista têm um horror e terror reflexo só em pensar. Mas talvez o pior de todos os reflexos seja a *compaixão*: "Como podemos ficar de braços cruzados e permitir que isso aconteça aos nossos irmãos e irmãs chineses. Olhe o que eles fizeram aos nossos missionários — naturalmente não podemos culpar todos eles. Bom, Chiang, êle fêz o que pôde."

A simpática velhinha investidora, calçando tênis, tolera seu sobrinho, o General. Ele acha que ela é boa demais; sempre pensou mais nos outros do que nela própria. "Acho que cada povo tem o Governo que merece. Veja nosso país, por exemplo. Se os chineses têm um Governo comunista deve, até certo ponto, ser culpa deles — não se pode simplesmente deixá-los escapar impunes. Se não querem receber o que merecem, eles sabem o que fazer a respeito."

Há os que sabem que ignoram, os que não sabem que ignoram e legiões dos que encontram regiões de trevas cada vez mais densas onde ocultar de si mesmos sua própria ignorância. E há os que, independentemente do que julguem saber ou ignorar em qualquer metanível, *simplesmente farão o que mandarem*, quando chegar o momento. É para os que sobram, que sabem que ignoram e que não farão, necessariamente, o que mandarem, que dirijo esta palestra, a qual espero tenha alguma utilidade, ainda que apenas como piada, para os últimos *sêres humanos* sobreviventes no planêta. Mal me atrevo a reivindicar o privilégio de ser um deles.

Uma vez fisgado, ignora-se tê-lo sido. Fica-se envergonhado da sua própria natureza original, aterrado por ela e pronto a destruir a prova da sua existência em si mesmo e em qualquer outro. Isso tem sido levado a cabo — pode-se vê-lo em realização — não só por famílias, mas também por tôdas as instituições que exercem influência sôbre as crianças. Primeiramente, nos bebês, através da cinética do tratamento e da supressão da sua inteligência instintiva imediata do olfato, tato e paladar; daí em diante, através da cinética e da paralingüística — palavras de significado terciário. O resultado é um jovem de dezoito anos amadurecido para se apresentar (ou no mínimo concordar em ser) um assassino assalariado; que está *orgulhoso* em ser preparado para ser um assassino assalariado, profundamente culpado e envergonhado de si próprio se amendrontado, *mesmo* no seu íntimo, e culpado e envergonhado se sentir-se culpado e envergonhado de matar apenas porque lhe mandaram fazê-lo.

Os psicólogos têm dado, por um período excessivamente longo, uma dose desproporcionada de tempo e esforço à psicologia do anormal. Precisamos pôr-nos em dia com as cor-

relatas psicológicas *normais* do estado de coisas *normal*, do qual o Vietname é apenas uma das mais óbvias manifestações normais. Vou dar-lhes um exemplo, uma estória de um tipo que me tem sido contada tantas vêzes que a considero apenas como sendo um pouco excessivamente normal. A mãe de um menino de três anos segura-o pelo pescoço, de uma janela do sexto andar, dizendo-lhe: "Vê o quanto eu te amo", querendo dizer que, se não o amasse, ela o soltaria.

Poderíamos examinar muitas especulações sôbre a razão pela qual uma mulher pode ser tão desnaturada a ponto de aterrorizar o próprio filho dessa maneira. Depois de examinarmos tudo, creio que voltamos ao óbvio: a razão por que ela faz isto é exatamente a que lhe deu. Foi a de mostrar-lhe que ela o amava. Que outra a levaria a agir assim? Foi êste o motivo que ela deu para fazê-lo e para ela, evidentemente, não seria possível outorgar prova mais clara de amor. Nesse caso, temos que penetrar na psicologia dessa mulher, e esta é a psicologia da normalidade. Êste é um exemplo de *extrema normalidade*. A maneira *normal* pela qual os pais fazem que os filhos os amem é aterrorizando-os para lhes dizer, com efeito: "Porque não estou deixando você cair, porque não o estou matando", isto mostra que eu o amo e portanto você deveria recorrer, para aliviar o seu terror, à pessoa que está criando "o terror que você está procurando aliviar". A mãe citada acima é, antes, hipernormal.

Para compreendê-la, temos de recuar até os pais dela. Vamos supor que ela realmente levasse a sério o que dizia. Estava fazendo aquilo com o filho para mostrar-lhe que o amava; estava constantemente perplexa e sentida porque êle não lhe mostrava a gratidão esperada pelo seu trabalho. Outras crianças são gratas quando os pais fazem muito *menos* por elas do que nós temos feito por você. O que sua mãe lhe fêz? De que maneira sua mãe não a amava? Provavelmente, ela jamais a pendurou de uma janela bem alta, mostrando-a como a amava, como deveria tê-lo feito. E por que não? É preciso indagar o que sua bisavó fêz ou não fêz por sua avó, e assim por diante.

Todo o sistema, em qualquer dos seus aspectos, está tão bem aprofundado em tais efeitos espirais de multigerações que é muito difícil ver como se poderia virar a espiral. Recentemente, o psicanalista Winnicott formulou a questão: A

gente se olha num espelho e se vê — o que antecede o espelho? Ele aventa que o que vem antes do espelho é o rosto da nossa mãe. De modo que se o rosto dela é um espelho, quando a gente olha para o seu rosto a gente se vê. O que mais se pode ver? Está tudo muito bem quando a mãe da gente, ao olhar para a gente, nos vê. Mas se ao olhar para a gente ela se vê — vê a gente como uma extensão dela própria, mas ao fazê-lo está inconsciente do seu ato, de modo que ela *pensa* estar vendo a gente — como a gente se encontra novamente nessa profunda espiral de incompreensão? Também não é *ela mesma* que ela se vê no bebê. Ela está vendo o que a mãe dela viu, e a mãe dela viu, e assim por diante. A espiral da alienação gira para o passado, para longe da visão. E quando a gente se perdeu na $n+1$ volta dessa espiral de alienação, a gente se torna adulta e vê, sem sabê-lo, a própria imagem no rosto do inimigo da gente; se torna o Outro para Outro que é, ele próprio, Outro que não é ele próprio; então, apenas estamos começando a entender a precondição da possibilidade dos espantosos sistemas projetantes de paranóia coletiva que operam em grande escala. Atribuímos a Eles exatamente o que Nós Lhes estamos fazendo, porque estamos vendo a Nós mesmos Nêles, mas ignoramos o fato. Pensamos que Eles são Eles, mas, na realidade, Eles são Nós.

Por exemplo, uma das ironias da história: "Todos os homens são criados iguais. São dotados pelo seu criador de certos direitos inalteráveis, dentre os quais estão a vida, a liberdade e a busca da felicidade." Trata-se da frase inicial da Declaração de Independência da República Democrática do Vietname.

É possível encontrar algum modo de desarticular o circuito pelo lado de dentro? Poderíamos ser capazes de considerar quais são os mais fracos e quais os mais fortes fios que mantêm a tapeçaria em seu estado compactamente tecido?

Fiquei impressionado por um comentário que Sir Julian Huxley me fez há alguns anos. Ele me disse que considerava a *obediência* como o mais perigoso elo da cadeia; que temos sido treinados e treinamos nossos filhos de modo que nós e eles estejamos preparados para fazer praticamente tudo se formos mandados por uma autoridade competente. Sempre se diz: "isto não poderia acontecer aqui", mas está sem-

pre acontecendo *aqui*.^{*} O estudo da natureza da obediência é particularmente importante. Nosso sistema funciona através de uma rede de reciprocidades de obediência comum. Qual é a estrutura organizacional dessa rede? Evidentemente, não temos todos igual arbítrio no exercício do poder e, num sentido básico, talvez queiramos assumir responsabilidade idêntica, mas há um grande diferencial em poder em todos os setores do sistema total do mundo. As pessoas que exercem poder só podem fazê-lo se outros executam suas ordens. Nesse exato momento na história da Terra, temos o espetáculo de tropas brancas, no meio das sombrias selvas, canhoneando continuamente por razões que desconhecem — exceto que se fôssem forçados, acho que eles se sairiam com o comentário: “Bem, não nos cabe saber a razão. Estamos cumprindo ordens.” Alguns querem ser heróis; não creio que muitos dêles o desejem.

O que exponho a seguir é uma simples estória de moralidade da Universidade de Yale, uma experiência realizada pelo Dr. Stanley Milgram.⁵

O Dr. Milgram selecionou 40 voluntários que acreditavam que iriam participar num estudo experimental sobre memória e aprendizagem na Universidade de Yale. Os 40 homens, cujas idades variavam de 20 a 50 anos, representavam uma vasta série de ocupações. Os sujeitos típicos eram funcionários do serviço postal, professores de ginásio, vendedores, engenheiros e operários. Um dêles não havia terminado o curso primário, mas alguns dos outros tinham graus de doutorado e outros títulos profissionais.

O papel de experimentador foi desempenhado por um professor de Biologia do curso secundário, de 31 anos de idade. Seus modos eram impassíveis, mas ele manteve uma aparência algo resoluta durante a experiência. O experimentador foi auxiliado por um homem de maneiras afáveis e simpático, que atuou como vítima. O experimentador entrevistou cada voluntário e, juntamente com este, a vítima disfarçada em outro voluntário. Ele disse aos dois que a intenção era inves-

* Sem dúvida também está acontecendo lá.

tigar os efeitos do castigo sôbre a aprendizagem e, em particular, os efeitos diferenciais de graus variados de castigo e de vários tipos de professor. O sorteio era fraudulento, de modo que o voluntário era sempre o professor, e a vítima era sempre o discípulo. A vítima foi amarrada numa cadeira elétrica, aplicando-se-lhe pasta de eléctrodo e o eléctrodo. O professor-voluntário foi levado para uma sala adjacente e colocado diante de um instrumento complexo rotulado Gerador de Choque, onde recebeu um choque de 45 volts para demonstrar a aparente autenticidade da máquina.

Ligando o Comutador

Uma série de 30 comutadores no gerador de choque estavam classificados de 15 a 450 volts por etapas de 15 volts. Além disso, grupos de comutadores estavam classificados desde "choque leve" até "perigo: choque violento". De acôrdo com instruções, e no contexto de uma falsa experiência de aprendizagem, convenceu-se o professor-voluntário de que êle estava aplicando castigo cada vez mais violento ao discípulo-vítima, que apresentava reações prèviamente combinadas. O discípulo-vítima dava respostas erradas para três em quatro questões e recebia choques como castigo pelos seus erros. Quando o choque punitivo atingiu o nível de 300 volts, o discípulo-vítima — como tinha sido prèviamente combinado — chutou a parede da sala onde estava prêso à cadeira elétrica. Neste ponto, o professor-voluntário voltou-se para o experimentador buscando orientação, e foi aconselhado a continuar depois de uma pausa de 5 a 10 segundos. Depois do choque de 315 volts, ouviu-se novamente o barulho, seguindo-se o silêncio. Nesse ponto da experiência, os professôres-voluntários começaram a reagir de várias maneiras, mas foram verbalmente encorajados, e até mesmo firmemente comandados, a prosseguir até o nível máximo de voltagem.

Resultados do Teste

...o Dr. Milgram diz que, contrário a tôdas as expectativas, 26 dos 40 sujeitos completaram a série e finalmente aplicaram os 450 volts à vítima agora silenciosa. Sòmente cinco recusaram-se a prosseguir depois do primeiro protesto da vítima quando da aparente aplicação dos 300 volts. Muitos prosseguiram, embora experimentassem considerável perturbação emocional, claramente demonstrada em seus comentários verbais, transpiração abundante, tremor, gagueira, risos e sorrisos bizarros e nervosos. Três sujeitos tiveram ataques incontroláveis. Os professôres-voluntários que prosseguiram com o choque freqüentemente exprimiam de viva voz a preocupação pelo discípulo-vítima, mas a maioria superou suas reações humanas e continuou seguindo as ordens até o castigo máximo.

Um observador relatou: "Vi um homem de negócios, maduro e a princípio sério entrar no laboratório sorridente e confiante. Dentro de 20 minutos, êle estava reduzido a uma ruína confusa e tartamudeante que se aproximava rapidamente do colapso nervoso; êle constantemente puxava o lóbulo da orelha e torcia as mãos. Em dado momento, comprimiu o punho contra a testa e murmurou: "Oh, meu Deus, paremos com isto!" Todavia, êle continuou a reagir a cada palavra do experimentador e obedeceu até o fim.

O conflito que os sujeitos enfrentaram nessa experiência foi entre a obediência a uma autoridade, em que confiavam e que respeitavam, e fazer algo que achavam errado. A situação na vida real é muito horrível. Para muitos, talvez não haja conflito algum. Suponho que a *maioria* das pessoas se sente culpada por não fazer o que mandam, muito embora o considere errado e não confie nos que dão as ordens. Elas se sentem culpadas em confiar em sua própria desconfiança.

Seria bom viver num mundo onde pudéssemos sentir que, se uma das autoridades da sociedade — fôsse Mao, o Papa ou Lyndon Johnson, e seus acólitos — nos dissessem algo, o fato de tê-lo dito tornasse mais provável sua veracidade do que sua falsidade. Seria até bom se pudéssemos crer que algo

publicado em quaisquer dos nossos periódicos eruditos, ou de pesquisa médica ou de Ciências Sociais, tivesse, pelo fato da sua publicação, mais probabilidade de ser verdadeiro do que falso. Infelizmente, somos forçados, pelas mentiras cínicas, pelas múltiplas decepções e ilusões sinceramente aceitas a que estamos agora sujeitos através de todos os meios, mesmo dos órgãos de cultura e ciência, a assumir uma posição de ceticismo social quase total. Não há quase nada que possamos saber a respeito do total sistema social do mundo, ou de quaisquer dos sistemas para vários níveis que partem dêle, mas é possível saber que não podemos sabê-lo — sendo esta uma contingência histórica da atual situação mundial, mas, dada essa situação, uma necessidade dessa situação. Entretanto, somos de tal modo “programados” para crer que o que nos dizem tem mais probabilidade de ser verdadeiro do que falso por que nos é dito, que quase todos nós ocasionalmente corremos o perigo de sermos apanhados em flagrante. Todos nós temos um “reflexo” para acreditar e fazer o que nos dizem.

Não podemos confiar em Príncipes, Papas, políticos, sábios ou cientistas, em nosso pior inimigo ou em nosso melhor amigo. Com a maior das precauções, podemos confiar numa fonte muito mais profunda do que nossos egos — se pudermos confiar em nós mesmos por tê-la descoberto, ou antes, por têmos sido por ela descobertos. É óbvio que ela está oculta, mas o que ela é e onde está não é óbvio.

REFERÊNCIAS

1. *Contemporary China*, compilação de Ruth Adams. Vintage Books, N. Y., 1966, pág. viii.
2. Ver *The Bitter Heritage. Vietnam and American Democracy, 1941-1966*. Arthur M. Schlesinger Jr., Sphere Books, Ltd., Londres, 1967. A posição de Schlesinger é muito mais interessante porque êle tem participado tão ativamente da elite administrativa.
3. Ver *Air War: Vietnam*. Frank Harvey, Bantam, Londres, 1967.
4. *Mirror Role of Mother and Family in Child Development* (1967). D. W. Winnicott, em “The Predicament of the Family”, compilação de Peter Lomas, Hogarth Press, Londres.
5. Segundo síntese em: *New York Academy of Science*, 4, 4 18-20, 1964. O ensaio original de Milgram é: *Behavioural Study of Obedience* (1963), *J. of Abn. and Soc. Psychology*, 67, págs. 371-379.